

*Maria das Graças Targino **
*Oswaldo Balmaseda Neyra ***

IDIOMAS NUM MUNDO GLOBALIZADO: O CASO DO ESPANHOL (Languages in a Globalized World: the spanish case)

RESUMO

Disserta sobre o risco da universalização lingüística face ao processo de globalização, com a extinção de numerosos idiomas, mesmo no âmbito brasileiro. A partir de então, contrapõe a hegemonia do inglês à expansão global do espanhol, no contexto do Brasil, e também dos Estados Unidos da América e da internet, explorando os fatores intervenientes para tal propagação. Discute possíveis ameaças à integridade do espanhol.

Universalização lingüística; Espanhol – expansão; Inglês – expansão.

ABSTRACT

It talks about the risk of a linguistic universalization as a consequence of the globalization, which would lead to the extinction of many languages, even in the Brazilian scenario. Based on that, it puts the English hegemony against the Spanish global expansion, taking into account Brazil, United States and the internet. It also explores the factors involved in this propagation, as well as it discusses possible threats to the integrity of Spanish language.

Linguistic universalization; Spanish and expansion; English and expansion

INTRODUÇÃO

Muito tem-se escrito e discutido sobre o processo de globalização. Surgem movimentos antiglobalização, que tentam alertar para o fato de que se trata de uma moeda de duas faces. Ao mesmo tempo em que concorre para a consolidação de uma civilização com chance de acesso igualitário a aplicações tecnológicas e a informações em todos os níveis, pode atuar de forma nefasta, como por exemplo, concorrendo para a universalização lingüística. Esta, além de eliminar diversidades culturais e étnicas, acarreta a morte das línguas que não se “*modernizarem*”. Essa preocupação alcança tal nível, que tem sido o

* Universidade Federal do Piauí – gracatargino@hotmail.com

** Ministerio de Educación Superior, Cuba – osvaldo@reduniv.edu.cu. A primeira autora, em 2007, está se transferindo, transitoriamente, para outro país. No caso de endereço convencional, há pouca agilidade para os residentes em Cuba, em geral (segundo autor). Por esta razão, solicitamos contato via *e-mail* gracatargino@hotmail.com ou osbalneyra@yahoo.es

tema central de eventos internacionais, como a Conferência de Língua e Tecnologia 2000 e das Jornadas Internacionais de Línguas e Culturas Ameríndias, a cada ano (BALMASEDA NEYRA e TARGINO, 2006).

Sob esta perspectiva, discorreremos acerca do extermínio veloz das línguas do mundo em contraposição à hegemonia do inglês, analisando a expansão do espanhol, em países, como Brasil e Estados Unidos da América (EUA), e no espaço cibernético. Evidenciamos o fato de que ameaças à integridade e à estabilidade dos idiomas, ou, mais especificamente, do espanhol, representam, igualmente, ameaças à integridade e à estabilidade de povos e nações. É a percepção das línguas como elemento cultural, que interage com as demais manifestações culturais, e assim, são mais bem assimiladas numa conjuntura ampla.

1) A EXTINÇÃO DE IDIOMAS: UM POUCO DE NÓS SE ESVAI

A constatação de que, no decorrer do tempo, a humanidade tem aniquilado cerca de 30 mil idiomas representa significativa perda dos valores humanistas e culturais. E o pior, esta redução não cessa. Os lingüistas calculam que, anualmente, pelo menos 20 línguas desaparecem. Mesmo assim, enquanto discussões acerca da proteção ambiental expressam preocupação exaustiva e justificada acerca da preservação de espécies da flora e da fauna, a inquietação acerca do que acontece com a língua, embora seja uma das características distintivas do ser humano em relação aos outros animais, ocupa pouco espaço na mídia, na academia, na política, enfim, no nosso dia-a-dia.

A sociedade assiste indiferente ao fim veloz de idiomas, talvez, face ao nível precário de conscientização. As denúncias, quase sempre, restringem-se aos lingüistas. Stephen A. Wurm, por exemplo, no *Atlas de las lenguas del mundo en peligro de desaparición*, prevê que, ao final do século XXI, a humanidade terá perdido a metade das línguas atualmente existentes. O *Summer Institute of Linguistics (SIL)*, mantenedor da excelente base de dados, *Ethnologue: languages of the world*, com a identificação de seis mil 800 idiomas, estima que 95% dentre eles, são falados tão-somente por 4% da população mundial. Apenas na Austrália, a voracidade do inglês “venceu” mais de 150 línguas de grupos aborígenes, e muitas outras estão ameaçadas de desaparecer, tal como ocorreu com o latim em relação às línguas dos povos colonizados e o espanhol, no caso dos povos conquistados e colonizados na América. Estudo da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) também constata riscos de extinção, na Espanha, para o galego, o basco, o asturiano e o aragonês, e na França, para o gascão.

Em se tratando do Brasil, onde é possível ter existido cerca de mil e 200 línguas antes da chegada dos portugueses, segundo levantamento efetivado nos

anos 90, sob a responsabilidade da Universidade de Brasília, restavam, à época, mais ou menos 189 línguas vivas. Isto corresponde ao extermínio de, no mínimo, 85% da diversidade lingüística do Brasil, o que, para Cunha (2004), reflete a redução dos povos indígenas.

Este parece ser o destino de muitas outras línguas, como consulta ao site da Promotora Espanhola de Lingüística (Proel), <http://www.proel.org/mundo.html> pode complementar. O *sabanê*, alvo de estudos no sentido de salvaguardá-la, é um bom exemplo. Até 70 anos atrás, a tribo contava com, aproximadamente, 20 mil indivíduos. Hoje, são menos de 100 índios que vivem no norte de Mato Grosso, na área de transição entre a floresta amazônica e o cerrado. Dentre esses, somente 15 dominam o *sabanê*, com a agravante de que todos com menos de 40 anos só falam o português. Um outro exemplo que nos remete à realidade nacional é que, dentre o financiamento da Fundação Volkswagen, na Alemanha, para documentar oito línguas em extinção, três estão em terras brasileiras. É o caso do *trumai*, adotado, no momento, por menos da metade dos 120 índios que vivem no *Xingu*.

Tendo, inevitavelmente, como pano de fundo, a globalização, há fatores distintos que explicam senão o aniquilamento, no mínimo, o desgaste que atinge os idiomas: (a) redução de crianças que aprendem a língua dos pais; (b) contato com culturas mais agressivas; (c) diversidade que caracteriza a sociedade contemporânea, aliada, paradoxalmente, a flagrante empobrecimento cultural; (d) avanço veloz das novas tecnologias de comunicação, responsáveis por leituras mais rasas e produção de textos com menos originalidade.

Além desses elementos, há forma ainda mais “*moderna*” de corrosão dos idiomas, vinculada à expansão da internet. É o denominado *internês*. Caracteriza-se pelo uso excessivo de padrões reduzidos de expressões e / ou jargões, compreensíveis para grupos reduzidos. A este respeito, lingüistas, professores, pais e a sociedade em geral se posicionam, de forma controversa. Alguns o visualizam como evolução natural das línguas ou expressão jovial, com gosto de modismo e de quebra de convenções. Outros o percebem como prova cabal da falta de capacidade das gerações jovens se expressarem, conduzindo à deculturação da sociedade. De qualquer forma, diante de textos como este, em “*português*”, há sempre reações, de deleite ou indignação: “Oh, num eh q ti dexando isso aki que dize q eu esqueci o q vc fez viu!”

De qualquer forma, é indiscutível que o desaparecimento de um idioma significa a perda da cultura do seu povo, dentro da assertiva de que com a **extinção de idiomas, um pouco de nós se esvai**. Afinal, o termo – língua – nomeia o conjunto de palavras e expressões utilizadas por determinado povo ou nação, independente do seu caráter escrito. Não podemos fundir a idéia de língua com a sua expressão somente escrita. Isto é negar o poder dos não-alfabetizados exprimirem idéias e pensamentos. Em sentido oposto, é preciso valorizar a oralidade, as tradições repassadas de gerações para gerações, como

prescrito por Kofi Ann, Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), quando afirma:

Em África, diz-se que, quando morre um ancião, desaparece uma biblioteca [...] Sem os conhecimentos e a sabedoria dos anciãos, os jovens nunca iriam saber donde vêm ou qual a comunidade em que se inserem. Mas para que os idosos tenham uma linguagem que os jovens entendam, devem ter a oportunidade de continuar a aprender ao longo da vida. (CENTRO DE INFORMAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS EM PORTUGAL, 2002, p. 3).

Tudo isto reforça o nascimento de novas e diferentes disciplinas linguísticas como forma de compreender as distintas facetas que o estudo da linguagem comporta. São problemas particulares, estudados pela etnolingüística, sociolingüística, lingüística aplicada e descritiva. Outras disciplinas, como gramática, pragmática e semiótica abordam o estudo diacrônico e sincrônico da linguagem humana. A propalada neurolingüística avança nos estudos da relação entre linguagem e doenças relativas à leitura e à escrita, como dislexias e agrafias. A lingüística quantitativa lança mão de técnicas estatísticas para estudar a frequência e a distribuição de dados dentro do universo da linguagem, e assim por diante...

2) DIMENSÕES DA PRESENÇA DA “LÍNGUA IMPERIAL”

Em meio à possibilidade de universalização linguística, as línguas mais difundidas, com as quais a metade da população se comunica, são: chinês (um bilhão e 200 milhões); inglês (478 milhões); hindi (437 milhões) e espanhol (392 milhões), ressaltando-se que chinês e hindi são línguas nacionais. Seguem o russo, o árabe, o português e o francês com 284, 225, 184 e 125 milhões de falantes, respectivamente.

Levantamentos realizados por órgãos mundiais, como a Unesco, dão conta do inglês como o idioma oficial ou semi-oficial de mais de 60 países, com destaque em mais de 20, o que garante a sua penetração em todos os continentes, como a segunda língua mais falada do mundo, abaixo do mandarim. Este é adotado em poucos países, dos quais a China responde por 836 milhões de falantes. Além dos 478 milhões de pessoas que têm o inglês como língua materna, mais 300 milhões o utilizam como segunda língua e mais 100 milhões o falam fluentemente como idioma estrangeiro, o que representa aumento de 40%, desde os anos 50, acrescido de 500 a 750 milhões de indivíduos que têm noções de inglês.

É o inglês a principal língua do controle aéreo, do comércio exterior, dos eventos internacionais, da medicina, da diplomacia, das competições esportivas internacionais, das telecomunicações, da música *pop*, da informática, da internet, da academia, da cultura de massas, da ciência e tecnologia (C&T). Dois terços

dos cientistas escrevem em inglês. Três quartos da correspondência mundial estão em inglês. Dentre as informações disponibilizadas em redes eletrônicas, cerca de 80% são redigidas em inglês.

Então, publicar em português como forma de enaltecer o Brasil ou em inglês, como forma de internacionalizar a produção exige posição sólida. Ao se destinar exclusivamente ao público brasileiro, aparecer somente em periódicos em português e desenvolver temáticas locais, o pesquisador brasileiro isola a ciência nacional do cenário universal, além de perder prestígio. Por outro lado, orientação mais internacionalista, ao mesmo tempo em que oportuniza a projeção ampla do saber gerado pelos cientistas brasileiros, compromete a sua repercussão local. Trata-se de uma deliberação que exige o enfrentamento de questões, como as propostas por Castro (1986): “Se para Camões o português era o túmulo da literatura, não será menos verdade que o português será o túmulo da ciência brasileira?” (p. 217) ou “O que é melhor, ser peão de uma ciência sofisticada ou rei de um arremedo tupiniquim de ciência?” (p. 197).

E, em se tratando ainda do português frente às **dimensões da presença da “língua imperial”**, como adendo, acrescentamos que muito tem sido feito para expandi-lo. Com este intuito, e para promover a cooperação política, social, econômica e cultural entre os países que mantêm o português como idioma oficial, em 1984, é instituída a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), com sede em Lisboa. Posteriormente, em 1986, ano em que Portugal se integra à União Européia (UE), ele passa a figurar como uma das línguas oficiais da Comunidade Econômica Européia (CEE).

E desde dezembro de 1990, está em fase de implantação um projeto de reforma ortográfica para padronizar a escrita nos países que integram a CPLP, quais sejam: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Portugal e Brasil. Mas, o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa tem caminhado lentamente. Ademais, na Ásia, o único lugar onde o português sobrevive é Goa (Índia), onde está sendo substituído pelo inglês, pois em Damão e Diu (Índia), Java (Indonésia), Macau (colônia portuguesa), Sri Lanka e Málaca (Malásia), são falados dialetos que mantêm do português quase que só o vocabulário, com marcantes variações gramaticais. Na África, além de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique, em São Tomé e Príncipe, a língua oficial é o português, mas no cotidiano, a população recorre aos dialetos forro e monco.

O alcance do português é, pois, limitado, embora seja a sétima língua mais falada no mundo. São nações pouco representativas no cenário de C&T, e, por conseguinte, no fluxo da comunicação científica. É a polarização da ciência pelos países hegemônicos. Isto é, a supremacia do inglês vincula-se ao poderio econômico, político, científico, tecnológico e cultural dos EUA, o que justifica a alcunha atribuída ao inglês de “língua imperial”. À medida que se posiciona como língua universal, torna-se fator de expansão dos valores e conhecimentos a ele associados, em todas as instâncias.

3) EXPANSÃO GLOBAL DO ESPANHOL

Porém, apesar da primazia do inglês e de estar distante de um alcance onipresente, por conta de ser, à semelhança do português, o idioma de nações com desempenho secundário na economia global e na produção de C&T, a **expansão global do espanhol** é inquestionável, inclusive, no âmbito do Brasil, dos EUA e da internet.

Dentre as causas de propagação, está o incremento exponencial da população hispânica na América Latina, a partir dos anos 50 do século passado, aliado aos processos massivos de migração dos latinos ou hispânicos para os ditos países centristas, sobretudo, para os EUA. São quase 400 milhões de pessoas que falam o espanhol em 21 países, onde é a língua oficial, numa área geográfica que totaliza 11 milhões de km², com a ressalva de que nas Filipinas, onde o espanhol constitui língua nativa, durante o século XX, o inglês se impôs sobre o espanhol, a tal ponto que, hoje, há somente cerca de três milhões de falantes em espanhol.

No restante do mundo, 24 milhões de indivíduos mantêm o espanhol como língua materna e outros milhões o adotam como segundo idioma. Mesmo no Canadá, no mínimo, em quatro províncias, é ele a segunda língua, aquém do inglês e francês. No extremo Oriente, conta com cerca de 70 mil estudantes, graças à intensificação das relações comerciais desses países com a América. No Japão, 60 mil universitários estudam espanhol e em dezenas de instituições de ensino superior, há departamentos de língua espanhola. No caso da China, a cada ano, cresce o número de alunos e professores, já na casa de milhões. A Coreia do Sul mantém mais de 50 centros de educação superior voltados para o seu ensino. São dados que permitem afirmar que o espanhol está, em maior ou menor proporção, em 160 países dos diferentes continentes, com o prognóstico de que, dentro de quatro ou cinco décadas, serão 500 milhões de indivíduos falando o espanhol.

Além do mais, junto com o árabe, o português e o suaíli, o espanhol é um dos idiomas oficiais de organismos internacionais, como Unesco, ONU, Organização Pan-Americana da Saúde, Organização dos Estados Americanos e Organização da Unidade Africana. Depois do francês e do inglês, é o idioma mais requisitado por quem atua em instituições européias. Aliás, a Tabela 1 expõe a distribuição da população que fala espanhol, em países distintos e continentes.

PAÍS	POPULAÇÃO (MILHÕES)	% MUNDIAL
México	102.255.000	26,06%
Colômbia	45.255.057	10,52%
Espanha	40.406.294	10,27%
Argentina	39.248.000	9,02%
Peru	23.191.000	6,76%
Venezuela	26.021.000	5,76%
Estados Unidos América	44.136.929	5,63%
Chile	15.795.000	3,75%
Equador	10.946.000	3,00%
Cuba	11.285.000	2,75%
Guatemala	14.325.000	2,75%
Bolívia	7.010.000	2,13%
República Dominicana	8.850.000	2,00%
El Salvador	6.859.000	1,62%
Honduras	7.267.000	1,50%
Paraguai	5.503.000	1,50%
Nicarágua	5.503.000	1,25%
Porto Rico	4.017.000	1,00%
Costa Rica	4.220.000	0,95%
Uruguai	3.442.000	0,80%
Panamá	3.108.000	0,75%
Guiné Equatorial	1.120.061	0,12%

Fonte: Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 2 jan. 2007.

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO QUE FALA ESPANHOL

Como o português, o espanhol data de uns 10 séculos atrás, com base no latim vulgar, falado por comerciantes, colonos e soldados, sendo introduzido na Península Ibérica pelo Império Romano. Com o tempo, se enriqueceu com o aporte de mil 250 palavras de origem árabe e centenas de outras, provenientes do grego, do godo, do provençal, do catalão, do basco, do francês, do italiano e do inglês. No momento, conta com patrimônio lexical de, aproximadamente, 83 mil e 500 palavras, e a sua ortografia está de tal forma consolidada, que, desde 1815, as suas regras ortográficas têm sofrido apenas algumas alterações, como inevitável a qualquer idioma.

Assim, se o peso demográfico tem sido decisivo para a difusão do espanhol, a sua quase homogeneidade atua como fator preponderante para o avanço. É a oportunidade de compreensão por todos os falantes, não obstante as mudanças semânticas e variações fonéticas entre os distintos povos que o têm como língua oficial. Nessa luta pela unidade e integridade, sob a ótica da estreita relação entre comunicação e cultura, a imprensa e os meios de comunicação muito têm

contribuído para garantir a unidade do espanhol, por seu nível de alcance. Permitem o acesso e a utilização do idioma por um público gigantesco, disperso não somente nos 21 países, onde o espanhol é a língua número um, como também nas demais nações, em que é conhecido e falado.

O ESPANHOL NO BRASIL

No caso do Brasil, a adoção de línguas estrangeiras sempre esteve condicionada a fatores políticos, sociais, técnicos, culturais e econômicos. A princípio, além da primazia da influência lusófona, as publicações de maior penetração foram em francês, de ensino obrigatório nas escolas até os anos 50, marcando um período mais humanista. Na década seguinte, tem vez uma educação mais técnica, sob forte interferência da cultura norte-americana, transformando o inglês em idioma obrigatório.

Nos anos 70, como decorrência da assinatura do Acordo Nuclear entre Brasil e Alemanha, em Bonn, em 1975, com o intuito de fomentar a cooperação entre as instituições de pesquisa científica e tecnológica, há maior interesse pelo alemão. De forma similar, e considerando a força da televisão como formadora de opinião, novelas e seriados também influenciam a busca por cursos de idiomas estrangeiros. Exemplos significativos são o seriado *Italianos Graças a Deus* e as telenovelas *O Rei do Gado* e *Terra Nostra* (TV Globo), que, à época, despertam o interesse pelo italiano.

Na atualidade, o inglês continua à frente, seguido pelo espanhol, sobretudo, por conta do Projeto de Lei Nº 3.987. De 7 de julho de 2000, prevê o ensino do espanhol como de oferta obrigatória pelas escolas brasileiras, embora a matrícula do aluno seja opcional. No caso do nível fundamental, da 5ª até a 8ª série, é facultada a sua inclusão nos currículos. Trata-se de projeto a ser implementado no prazo de cinco anos, porque o Governo reconhece que requer a formação de cerca de 250 mil docentes, em âmbito nacional.

O interessante é que a justificativa do referido projeto enfatiza três pontos inter-relacionados. Primeiro, o reconhecimento da relevância do espanhol no cenário mundial contemporâneo. Em segundo, a consolidação do Mercado Comum do Sul (Mercosul). Decorridos praticamente 10 anos da sua assinatura, figura como bloco econômico favorável ao incremento do fluxo comercial dentro dos países que o compõem (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai), gerando novos paradigmas de eficiência, produtividade e competitividade.

É a constatação de que a língua atua como instrumento na integração dos países nos mercados econômicos mundiais ou setoriais, como Mercosul, Nafta e UE. E, de fato, o Mercosul faz crescer o número de profissionais que dominam o espanhol. Se, hoje, é impossível a inserção no mercado de trabalho, sem conhecimento do inglês, também é utópico sucesso no contexto do Mercosul,

sem o domínio da área específica de cada profissional, cultura geral e humanística, domínio da informática e do idioma espanhol.

O terceiro aspecto refere-se ao isolacionismo do Brasil, que permanece fechado em si mesmo, rodeado de nações, onde o espanhol é a primeira língua, recorrendo, quando muito, ao “*portunhol*”, inadequado à comunicação científica e / ou empresarial.

O ESPANHOL NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: MANCHA LINGÜÍSTICA EM EXPANSÃO

É possível que, nos próximos 50 anos, mais de 10% dos quase 500 milhões de pessoas que falam espanhol, espalhados nos mais diferentes recantos do universo, vivam nos EUA. Com isto, a chance de alastramento da cultura hispânica e de melhores condições para inserção no processo de globalização se acentuam. Atualmente, residem nesse país, segundo dados da enciclopédia Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org>), 42.687.224.070 de indivíduos (cerca de 14.07% da população total, dados de 2005) de origem hispânica ou latina, dentre os quais 22 milhões e 500 mil falam, com regularidade, o espanhol. Trata-se de um montante equivalente aos que habitam a Argentina, o que conduz Carlos Fuentes a designar tal população de “*mancha lingüística em expansão*”.

Confirmando a estreita vinculação entre comunicação e cultura, a expansão quantitativa dos meios de comunicação reforça a penetração tanto do espanhol como também da cultura dos povos hispânicos nos EUA. Com transmissão em espanhol, são mais de 500 estações de rádio e 159 de TV, além de três cadeias televisivas e numerosos canais musicais especializados em música latina. São cinco grandes jornais diários, e cerca de 500 periódicos e de 250 revistas.

Há, ainda, progressiva melhoria de qualidade de vida da comunidade hispânica, em termos econômicos, o que corresponde a maior poder aquisitivo. Daí, passa a figurar como mercado potencial atraente, apto a consumir produtos, serviços e informações, de preferência, na língua materna, ao tempo em que passa a exercer influência no consumo cultural do povo norte-americano, seja na música popular, nas artes plásticas, na literatura, em nível não alcançado por outros grupos de imigrantes há mais tempo ali assentados. Isto favorece a sua integração à sociedade local. A preferência pela cultura hispânica, por exemplo, está presente nas edições do Prêmio Grammy Latino, desde setembro de 2000. Grandes editoras, como a McGraw Hill, lançam publicações bilíngües em inglês e espanhol, e revistas de renome internacional, como *People*, *Newsweek*, *Selecciones* e *Times* também estão em espanhol.

Tudo isto justifica o fato de o espanhol ser o idioma estrangeiro mais estudado e utilizado nos EUA, como segundo idioma: (a) 61% dos universitários o selecionam como segunda língua; (b) no ensino secundário, é ministrado em

mais de quatro milhões de centros de ensino, sendo preferido por 93% dos alunos; (c) no ensino fundamental, é estudado por 80% dos educandos; (d) 12 mil e 500 pessoas são membros da Associação Norte-Americana de Professores de Espanhol e Português; (e) a Academia Norte-Americana de Língua Espanhola mantém atuação reconhecida.

O ESPANHOL NA INTERNET

Sem dúvida, a Rede concorre para a massificação das línguas, a partir do momento que oportuniza o avanço de idiomas de “*primeira grandeza*”, sobretudo o inglês, primeiro lugar dentre as 11 línguas mais usadas: inglês (40,02%); chinês (9,8%); japonês (9,2%); espanhol (7,2%); alemão (6,8%); coreano (4,4%); francês (3,9%); italiano (3,6%); português (2,6%); holandês (2,1%); russo (2%), enquanto outros idiomas dispersos somam 8,2% (GÓMEZ ALADILLO, 2007).

Porém, a bem da verdade, o inglês vem cedendo espaço para outros idiomas. No caso do espanhol, a sua presença tende a aumentar. A prova está que, agora, há mais buscadores específicos em língua espanhola, além de jornais, revistas especializadas e emissoras de rádio do que há cinco anos. E uma demonstração dos esforços no sentido de manter crescimento sistemático é a ofensiva para incorporar o ñ, letra emblemática do idioma, nos domínios da Rede e / ou nos *e-mails*.

Porém, o maior obstáculo é que ainda existem poucos usuários latino-americanos na internet. Apesar das divergências entre as fontes, estima-se que totalizam mais ou menos 26 milhões. Isto porque, os hispânicos não são grandes usuários das novas tecnologias de comunicação, além de ser pouca expressiva a produção científica em espanhol. Além disto, as ferramentas tecnológicas, grosso modo, não são fabricadas por indústrias hispânicas, o que equivale, inevitavelmente, a preço mais alto e, portanto, à utilização mais restrita. Ainda de natureza econômica, está o fato de que muitos países latino-americanos não dispõem de fundos suficientes para elaborar conteúdos próprios ao espaço virtual. Segundo dados do Instituto Cervantes e da Asociación Hispanoamericana de Centros de Investigación y Empresas de Telecomunicaciones, o percentual de indivíduos conectados à Rede, na maioria dos países da América Latina, ao final de 2002, não atingia 10% do total da sua população.

Por conta disto, o Instituto Cervantes (instituição pública espanhola, de 1991, com o fim de difundir o ensino do espanhol e a cultura hispânica) efetiva estudo para prover a internet com produtos de qualidade. O seu centro virtual (www.http.cvc.cervantes.es) dispõe de mais de oito mil páginas, onde é possível ter acesso a foros e material didático sobre o espanhol. A Real Academia Española (RAE) também tenta contribuir, ampliando o número de bases de dados e de

obras de referência em espanhol, além de ferramentas que favorecem consultas mais ágeis e buscadores capazes de localizar as páginas em espanhol ou traduzi-las. São iniciativas que exigem a participação de universidades, empresas e institutos de pesquisas, reforçando a pertinência da Red Iberoamericana de Ciudades Virtuales, a qual poderá gerar quantidade significativa de conteúdos em língua espanhola.

Em suma, **o espanhol na internet** oferece oportunidade de conectar diretamente milhões de pessoas, sem a necessidade de tradução, compartilhando bens e serviços, o que significa suprir demandas não apenas culturais, mas também relativas aos conhecimentos econômicos, científicos e tecnológicos. Na medida em que isto ocorre, se consolidam a perdurabilidade e o valor do espanhol dentre os idiomas de maior difusão no espaço virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS AMEAÇAS À INTEGRIDADE DO ESPANHOL

Há fatores demográficos e da própria estruturação do espanhol que facilitam o seu crescimento planetário, comprovado pelas cifras milionárias que circundam as empresas que editam escritores de língua espanhola, tanto na Espanha como na América Latina, e também pela presença crescente do espanhol na Rede, e pela concessão de prêmios Nobel de Literatura, nas últimas décadas, a autores de obras em espanhol, a exemplo do Pablo Neruda (1971) e do colombiano Gabriel García Márquez (1982).

Em contraposição, há riscos que ameaçam a sua integridade, ante a ofensiva do inglês, que, em apenas 50 anos, colocou na boca dos hispânicos tantas palavras, como o árabe, em oito séculos. Isto justifica a contaminação do espanhol falado nos EUA, originando o dialeto chamado de *code-switching* ou *spanglish* ou *espanglês* ou *espanglés*. A maioria dos hispânicos que fala espanhol nos EUA não o faz como nos países onde ele é língua nativa. Mescla palavras do inglês com o espanhol, de modo que o *spanglish* contém quantidade elevada de anglicismos castelhanos.

Além do mais, o *spanglish* não consiste em fenômeno lingüístico homogêneo. As regiões / locais onde é falado e a origem do imigrante são determinantes. Exemplificando: *o spanglish (o cubonic), falado em Miami, não é o mesmo que o nuyorricam (Nova York) ou o chicano ou tejano, de Los Angeles. Mas, o spanglish tem avançado tanto na fala como na literatura. Já possui dicionários, o seu uso está se alastrando na mídia e escritores começam a utilizá-lo em suas obras, como o faz a porto-riquenha Ana Lydia Vega.*

Afora o *spanglish*, as tecnologias de informação têm provocado a adoção de palavras estrangeiras, sobretudo do inglês. Muitas são recentes, mesmo na língua anglo-saxônica, surgidas para designar novos objetos, conceitos ou

realidades. Outras resultam da fusão de palavras, como *bit* (*binary digit*). Diferentes “*empréstimos*” lingüísticos advindos das novas tecnologias estão presentes, com freqüência, no cotidiano, tais como: acessar um sítio *web*; oferecer um curso *on-line*; escrever um *e-mail*, comprar uma *motherboard* etc. São tão freqüentes esses termos, que alguns se “*castelhanizam*”, como *cliquear*. Há quem denomine de *ciber-espanish* esta curiosa combinação de espanhol com vocábulos de inglês de teor tecnológico.

O terceiro elemento que ameaça a integridade do espanhol é a possibilidade de **deterioração da língua**, face ao uso abusivo de abreviaturas ou outras estruturas simplificadas de palavras ou orações, para reduzir tempo e espaço nas mensagens enviadas por *e-mails* ou nas conversas eletrônicas. É o processo de expansão do denominado internês, antes mencionado. A tudo isto, soma-se a **pobreza cultural**, que acompanha muitos produtos culturais, ou melhor, pseudoculturais, disponibilizados na internet ou veiculados nos canais televisivos de fala espanhola.

De qualquer forma, lingüistas mais otimistas opinam que essas ameaças constituem um processo natural e irreversível. Acrescentam que o idioma espanhol tem assimilado numerosos vocábulos de outros idiomas e nunca desapareceu. Ao contrário, enriqueceu o seu patrimônio lexical. Mesmo assim, governos, escritores, mestres, professores e comunicólogos devem estar atentos para que a diversidade da comunidade hispânica enriqueça e não empobreça o espanhol, no sentido de que prossiga sendo aglutinante de um mosaico de culturas, de línguas comerciais e de signos, como língua franca da própria globalização.

REFERÊNCIAS

- BALMASEDA N., Osvaldo e TARGINO, M. das G. (2006). Extinção e expansão de línguas num mundo globalizado: o caso do espanhol. In: TARGINO, M. das G. **Olhares e fragmentos**: cotidiano da biblioteconomia e ciência da informação. Teresina: Edufpi, p.245-266.
- CASTRO, C. de M. (1986). Há produção científica no Brasil? In: SCHWARTZMAN, S., CASTRO, C. de M. (*Org.*). **Pesquisa universitária em questão**. Campinas: Unicamp, p. 190-224.
- CENTRO DE INFORMAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS EM PORTUGAL (2002). Construir uma sociedade para todas as idades. In: **SEMINÁRIO EUROPEU SOBRE A FORMAÇÃO EM GERONTOLOGIA SOCIAL: UMA EXIGÊNCIA PARA A QUALIDADE**, Lisboa.
- CUNHA, R. (2004). Visões de mundo ameaçadas de extinção. **Ciência e Cultura**, Vol. 56, N. 4 (9-10).
- GÓMEZ ALADILLO, F. (2007). **La expansión del español en internet**. Disponível em: <<http://www.unilat.org>>. Acesso em: 12 jan. 2007.
- WURM, S. A. (2001). **Atlas de las lenguas del mundo en peligro de desaparición**. Genebra: Unesco.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

Os trabalhos enviados serão submetidos ao Conselho Editorial desde que estejam de acordo com as normas elencadas a seguir:

- Os trabalhos devem ser enviados em 3 (três) vias digitadas em Times New Roman, corpo 12, Word, acompanhado de cópia em disquete ou CD com etiqueta identificando o(s) autor(es);
- Os trabalhos devem ser precedidos de uma lauda contendo título do trabalho (em português e em Inglês), nome do(s) autor(es), nome da instituição à qual pertence(m) e endereço para correspondência;
- Os trabalhos devem ser acompanhados de um resumo em Português e em Inglês (até 300 palavras). Seguindo o resumo, em linha separada, devem constar as palavras-chave;
- As ilustrações (tabelas, gráficos, fotos, etc.) devem ser colocadas em seus lugares definitivos com títulos na parte inferior;
- As notas devem ser digitadas no rodapé, numeradas em arábico. A nota para o título deve ser indicada com uso do asterisco. Não devem ser utilizadas notas para referências bibliográficas, apenas eventuais explicações. Para referências, devem ser feitas no corpo do trabalho (ex.: Jakobson (1952, p. 3). Caso o sobrenome do autor esteja entre parênteses, utilizar caixa alta (ex.: (JAKOBSON, 1952, p. 3));
- As referências bibliográficas e outras: digitar a palavra REFERÊNCIAS. Os autores devem estar em ordem alfabética, sem numeração das entradas e sem espaço entre eles. Os títulos de livros e revistas devem vir em negrito. Na segunda entrada do mesmo autor, utilizar um traço de 06 toques. A data identificadora da obra deve estar entre parênteses após o nome do autor. Mais de uma obra no mesmo ano para o mesmo autor, identificar com letras minúsculas após a data.
- Exemplos de referências:
LABOV, William (2001). *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell Publishers.
PATRICK, Peter L. (1991). Creoles at the intersection of variable processes: -t,d deletion and past-marking in the Jamaican mesolect. *Language Variation and Change*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 171-189.
- As citações com até três linhas devem estar entre aspas e no corpo do trabalho. Com mais de três linhas devem adentramento à esquerda de 04 cm, e corpo 11, sem adentramento à direita;
- Extensão dos trabalhos: Artigos, entre 10 e 15 páginas; Resenhas, entre 3 e 5 páginas.
- Os originais enviados não serão devolvidos.